

P. P. I.

PUBLICIDADE, PUBLICAÇÕES, INFORMAÇÃO, LDA.

GABINETE DE INFORMAÇÃO SISTEMÁTICA

Telefs. 36 69 12 - 32 64 54



RECORTES CLASSIFICADOS

IMPRENSA DIÁRIA

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		DIÁRIO POPULAR	
SÉCULO		DIÁRIO DE LISBOA	
JORNAL DO COMÉRCIO		CAPITAL	22 JUN 1979
DIA		REPÚBLICA	
DIÁRIO		JORNAL NOVO	
PRIMEIRO DE JANEIRO		LUTA	
JORNAL DE NOTÍCIAS			
COMÉRCIO DO PORTO			

LURDES PINTASILGO NA TELEVISÃO

SER PRIMEIRO-MINISTRO É "UM SERVIÇO ENORME"

A Primeiro-Ministro Maria de Lurdes Pintasilgo, entrevistada por Joaquim Letria no novo programa da RTP-2 «Tal e Qual», considerou que os problemas mais importantes do povo português só encontrarão solução se enquadrados no contexto geral da situação internacional em evolução. Advogando uma nova ordem económica, social e cultural internacional, que afirmou ser decisiva para Portugal, Lurdes Pintasilgo exprimiu os seus pontos de vista sobre diversos assuntos, revelando, por outro lado, aspectos da sua vida.

«Entendo que governar exige o contacto directo com o povo, não podendo tal tarefa limitar-se aos gabinetes e à produção legislativa das estruturas administrativas centrais», disse a Primeiro-Ministro, que referiu que as suas actuais funções são «um serviço enorme» e não uma profissão, e que, das dificuldades da governação, o que sentia como «mais terrível» era a «neutralização mútua que exercemos uns contra os outros».

Por outro lado, fazendo um balanço aos dois meses e meio do seu Governo, a Primeiro-Ministro salientou que, «pela primeira vez desde 1975 as aulas começaram a tempo», e referiu também o subsídio de desemprego e o salário mínimo nacional.

Lurdes Pintasilgo, na entrevista, em que pouco foi abordada a acção do Governo a que preside — a qual disse ter por alvo não apenas metas imediatas mas ainda a criação de condições e de estruturas capazes de beneficiar o País a médio e a longo prazo — afirmou que as críticas ao seu Governo são «profundamente evadas de machismo» e que o conteúdo das palavras demonstram uma «riqueza enorme de marialvismo».

A propósito do machismo, considerou muito natural a utilização do substantivo feminino «primeira-ministra» para a designar, em vez do substantivo masculino «primeiro-ministro» como tem sido utilizado de forma dominante na imprensa.

Por outro lado, dos casos concretos ultimamente em foco na vida nacional, foi abordada a questão da demissão do nosso director, Francisco Sousa Tavares, e a primeira-ministro alienou responsabilidades quanto à referida questão, dizendo que ela era da inteira responsabilidade do conselho de gerência da E. P. N. C. Por outro lado, sublinharia que o administrador Figueira Amaro não foi ainda demitido pelo conselho de ministros.

«Dolorosamente sentida» com as críticas da Igreja

Manifestando-se «dolorosamente sentida» com as críticas que lhe têm sido dirigidas pelos sectores tradicionais católicos, a Primeiro-Ministro considerou-se a si própria como «fiel à Igreja dos pobres» e citou em sua defesa passagens do Sermão da Montanha, referindo que as críticas que lhe são feitas se devem ao facto de certos cristãos e sectores da Igreja terem uma ideia fechada da mensagem cristã, muitas vezes quase limitada ao ritual do culto.

Maria de Lurdes Pintasilgo contou mesmo um episódio ocorrido num domingo passado, numa igreja de Lisboa, quando assistia à missa. Na homília, o sacerdote, a dado passo, disse: «Livrai-nos das forças do mal que nos governam» — numa clara

alusão à sua governação, o que muito a surpreendeu.

Noutro passo, e tendo salvaguardado que, para ela, a fé não é «argumento da minha função política», mas apenas uma «motivação» declarou ver em Cristo «o motor da História», a «grande força da História».

No final da entrevista, Joaquim Letria leu um extracto de uma carta de Marcelo Caetano, recentemente publicada num jornal do Brasil, na qual se elogia a figura da Primeiro-Ministro mas se acrescenta, por outro lado, que Lurdes Pintasilgo mudara de ideias de 24 para 26 de Abril. Surpreendida, e afirmando que se tratava de «notícia espectacular», a Primeiro-Ministro comentou que o seu percurso mudara «ao mudar a História» e aproveitou para lembrar uma conversa que tivera com Marcelo Caetano em 1969, quando este a convidara para integrar a chamada «ala liberal» da Assembleia Nacional, convite que ela rejeitou por ser «contra a guerra colonial, pela distribuição da riqueza e contra a corrupção do Estado». Sobre a carta disse que «os homens podem ter errado e, no entanto, terem a grandeza de reconhecer a atitude dos outros».

Temporais no Ribatejo apreciados com autarquias

Com deslocações ao complexo do ex-Colégio Andaluz e ao dique da Valada, a Primeiro-Ministro termina esta tarde a visita de trabalho ontem iniciada ao distrito de Santarém.

Entretanto, de manhã, a eng.ª Maria de Lurdes Pintasilgo, acompanhada do secretário de Estado adjunto, Santa Clara Gomes, e de outros membros do Governo, reuniu-se, no Governo Civil, com os representantes de todas as câmaras municipais do distrito.

Ontem, durante a sessão de trabalho decorrida em Abrantes, o tema fundamental foi a cheia do Tejo, tantos os efeitos da de Fevereiro passado como as preocupações relativas ao Inverno que se aproxima.

«Através do diálogo encontramos sempre uma solução a contento de todos», afirmaria Lurdes Pintasilgo ao encerrar a sessão, lembrando que o País poderá sair da situação difícil em que se encontra «se todos nos empenharmos com vigor». A Primeiro-Ministro acrescentou que para tal poderá contribuir também o respeito e a solidariedade internacionais que Portugal ganhou e «a chefia segura do Estado confiada a um Presidente que não se afasta nem um milímetro da Constituição que jurou cumprir».

Linha de crédito

Sobre os prejuízos causados pelas cheias de Fevereiro passado, a Chefe do Governo anunciou a abertura da linha de crédito de 1,6 milhões de contos, que aguarda a promulgação do Presidente da República, e informou que o seu Executivo decidira criar estruturas permanentes dotadas dos meios capazes de acorrer aos malefícios causados pelas catástrofes.

Os comerciantes afectados pelas cheias expuseram a situação em que se encontram, nomeadamente não disporem de meios financeiros para renovar os «stocks» então destruídos, manifestando a sua satisfação pela linha de crédito anunciada, considerando, todavia, extremamente elevada a taxa de juro prevista, 12 por cento, num prazo de amortização de cinco anos. Em resposta, a Primeiro-Ministro admitiu que, dentro das suas competências, os órgãos de crédito possam, eventualmente, estudar a hipótese de estabelecerem taxas de juro mais favoráveis.

Outro dos problemas focados foi o do funcionamento do novo hospital de Abrantes, que está a ser construído, mas, muito provavelmente, vai debater-se com falta de médicos e de pessoal de enfermagem. Maria de Lurdes Pintasilgo diria a propósito: «Essa é uma das preocupações mais importantes que temos e que gostaríamos de resolver, já que enquanto faltam os médicos na província, as grandes cidades portuguesas terão, em breve, a maior densidade de médicos por milhar de habitantes.»

Fundação Cuidar o Futuro